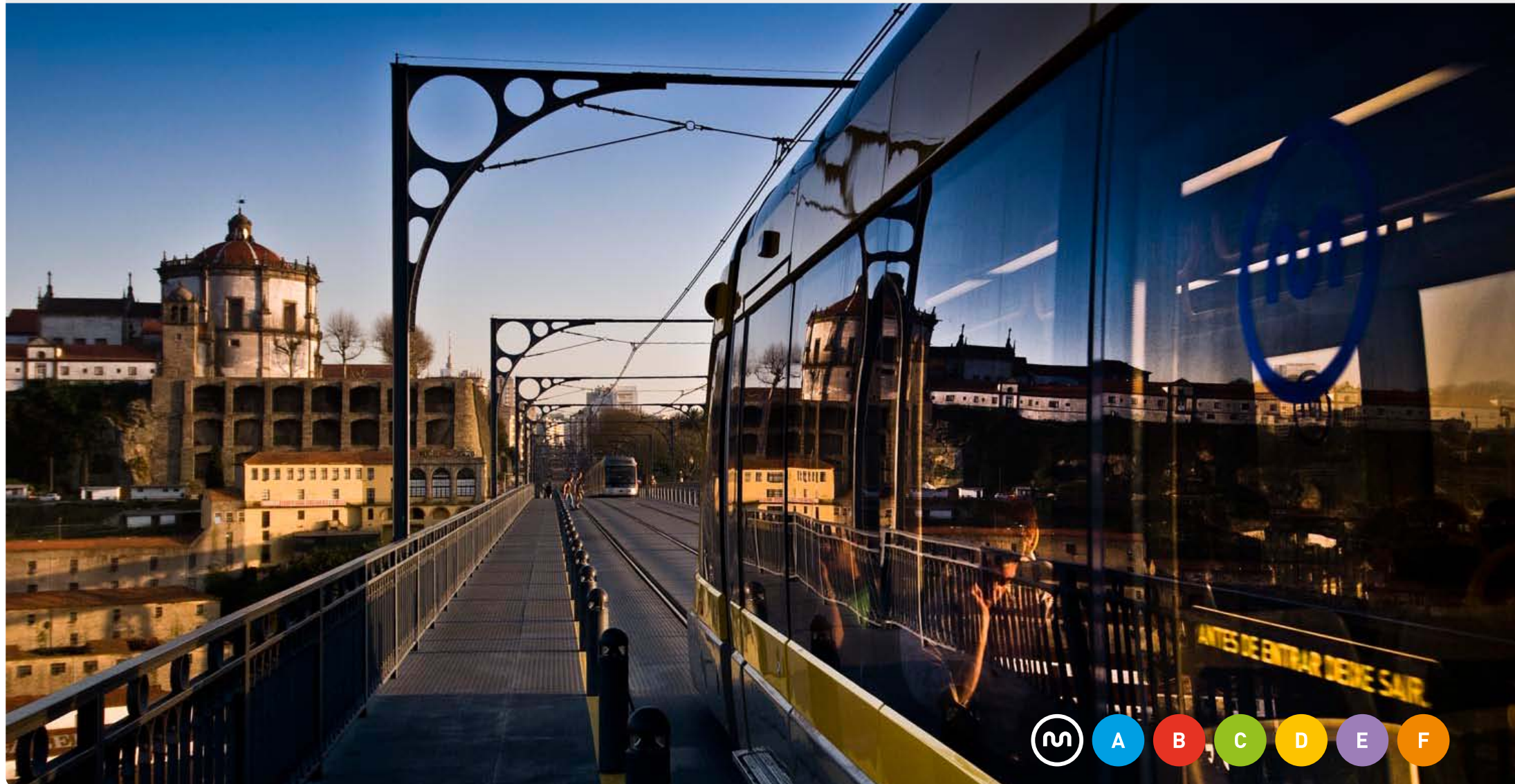




Arqueologia

Metro do Porto. A vida em movimento.





Arqueologia

Metro do Porto. A vida em movimento.



- ❖ A1 **CAMPO 24 DE AGOSTO** / P.03
- ❖ A2 **HEROÍSMO** / P.12



- ❖ B1 **VILAR** / P.13
- ❖ B2 **ÁRVORE – QUINTA DA FAÍSCA** / P.14
- ❖ B3 **ÁRVORE – QUINTÃ** / P.16
- ❖ B4 **PINITELLOS** / P.18
- ❖ B5 **PORTUS TELLIERIUS** / P.20
- ❖ B6 **AZURARA – TERRAÇOS** / P.21
- ❖ B7 **AZURARA – CORGO** / P.23



- ❖ C1 **NECRÓPOLE DA FORÇA** / P.25



- ❖ D1 **SÃO BENTO** / P.27



A1

CAMPO 24 DE AGOSTO

Arqueologia



Dessa outra cidade subterrânea, revelaram as Obras do Metro, a “Mãe d’Água de Mijavelhas”, estratificação arquitectónica de estrutura espiralada, que foi crescendo em área, altura e abrangência urbana, ao longo de cinco séculos.

Ela própria Obra Pública de raiz, inicialmente de impulso municipal mas captadora do envolvimento régio. Autêntica “Terceira Margem” da ribeira, na entrada da “Estrada para Valongo e Além”, de “Chafariz” do Fernão Lopes passou a “Arca” dos Homens-Bons do Porto Renascentista” e de “Arca” a “Reservatório do Campo Grande”. No conjunto, foi ganhando forma de verdadeira Matrioushka de pedra, captadora e distribuidora de mananciais.

Enfim, “mãe d’água e de pedra”, acolhida no interior da Estação de 24 de Agosto, numa perpetuação da espiral arquitectónica.

EQUIPA TÉCNICA **CAMPO 24 DE AGOSTO** TRABALHOS DE 1999 A 2004

EMPRESAS ENVOLVIDAS

METRO DO PORTO, S.A.
NORMETRO, A.C.E.
ARQUEOHOJE, Lda

TRABALHOS DE CAMPO

Responsáveis

Iva João da Silva Teles Morais Botelho
Ana Cristina Ramos
Mulize Ferreira
Luís Filipe Gomes Coutinho
Alexandre Tiago dos Santos Valinho

Arqueólogos auxiliares

Alexandre Sarrazola
António Manuel Gonçalves Chéney
Artur Alpende Serra
Artur Jorge Ferreira Rocha
Deodato Toste do Ó
Filipe João Carvalho dos Santos
Inês Mendes da Silva
Jaqueline Covaneiro Rosa
João Carlos Albergaria
João Miguel André Perpétuo
Mafalda Borges Coelho
Maria Teresa de Freitas

Miguel António Paixão Serra
Patrícia Jordão
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
Sofia Costa Macedo
Samuel Patrício Melro
Vanessa Gaspar
Manuel Domingos Alegre; Eng.º
Tomás Ayres de Gouveia Allen, Arqt.º

Técnicos assistentes de arqueologia

António Joaquim Monteiro de Moura
Celso Gabriel Candeias
Daniel Amorim
Luísa Queirós
Maria Helena Rocha
Pedro Braga

Trabalhos desmontagem

Iva João da Silva Teles Morais Botelho
Luís Filipe Coutinho Gomes

Desenho manual à escala 1/20

Alexandre Tiago dos Santos Valinho
António Joaquim Monteiro de Moura
Filipe João Carvalho dos Santos
Luís Filipe Coutinho Gomes

Técnicos de cantaria

Humberto dos Reis Rosa
António Jorge Pinheiro Antunes
António da Silva



A1

CAMPO 24 DE AGOSTO

Arqueologia



Artur Manuel de Sousa Antunes

Joaquim Pereira da Silva

João Carlos Pinto da Cruz

Luís Dias Soares

José Filipe Carmo Silva

Luís Pereira Rocha

Martinho Fernando Pereira da Silva

Rui André Alves Vieira

Trabalhadores não especializados

Adriano Sousa

António Vieira Mota

Carlos Manuel Santos Rocha

Fernando Moreira Mota

Francisco Nogueira

Hélder Pereira

José A. Fontana Rebelo

José Nogueira

Maria do Céu Machado

Manuel Neves

Miguel Ângelo Silva Pinto

Nuno Araújo Rodrigues

Rolande Monteiro

Sandro Teixeira Barbosa

TRABALHOS DE GABINETE

Responsáveis

Iva João da Silva Teles Morais Botelho

Luís Filipe Coutinho Lopes Gomes

Ana Cristina Ramos

Mulize Ferreira

Apoio científico

Florentina Neves Pinto

Susana Silva

Renata Almeida

Vanessa Gaspar

Apoio técnico de desenho

António Joaquim Monteiro de Moura

António Augusto Cardoso Felgueiras

Joana Baptista, Arquiteta

José Pedro Machado

Apoio técnico de conservação e restauro

Anabela Laura Brito Rodrigues de Sousa

Joaquim Pereira Garcia

Sónia Cristina Ramos Jorge dos Santos

Moisés Costa Campos

Apoio técnico para modelo virtual

Linha de terra. Studios

Alberto Flores e Miguel Matias

Ricardo Rodrigues

Miguel Matias

Fotografia aérea e de documentação

da remontagem

FOTOEngenho, Lda

António Pinto

João Ferreira Real

Joana Lobo Guimarães

Francisco Manuel de Oliveira Piqueiro

Gestão geral do projeto pela Metro do Porto S.A.

Eng.º António Alberto Pires

Eng.º José Baptista da Costa

Colaboradores

Arqt.º Manuel Paulo Teixeira

Arqt.º Tomás Allen

Projetista de arquitetura

Arqt.º Eduardo Souto Moura

Colaboradores

Arqt.º Adriano Pimenta

Arqt.º Nuno Flores

Coordenação com projetistas de estrutura

Eng.º João Monteiro

Eng.º Pedro Malato

Projetistas de estruturas

Eng.º Rui Pedro Fortes Monteiro

Eng.º Carlos Baião

Eng.º Miguel Conceição

Eng.º Miguel Albergaria

Eng.º Filipe Feio

Coordenação de obra

Eng.º Fernando Almeida

Eng.º Filipe Belo



A1

CAMPO 24 DE AGOSTO

Arqueologia



Direção de trabalhos de remontagem

Iva João da Silva Teles Morais Botelho, Arqueóloga
Susana Gomes, Engenheira

Técnicos de cantaria

Humberto dos Reis Rosa
Manuel Antunes da Silva Pinto
António Jorge Pinheiro Antunes
António da Silva
Artur Manuel de Sousa Antunes
Joaquim Pereira da Silva
João Carlos Pinto da Cruz
Luís Dias Soares
José Filipe Carmo Silva
Luís Pereira Rocha
Martinho Fernando Pereira da Silva
Rui André Alves Vieira

Divulgação

Sara Maria Casanova Pedrosa

Sítio descoberto por

Eng.ª Maria José Santos

FICHA DE SÍTIO

O MANANCIAL DE MIJAVELHAS E DO CAMPO GRANDE

→ ESTAÇÃO 24 DE AGOSTO
LINHA A

A OBRA

A construção de um grande projeto como o Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto (SMLAMP) oferece uma oportunidade para levar a cabo investigações arqueológicas. Tais investigações são um elemento importante da estratégia de minimização ambiental do projeto pela possibilidade de conhecimento oferecida. Assim, na Linha A do SMLAMP, na Estação 24 de Agosto, Porto, construída pelo sistema de cut&cover e método de paredes moldadas, no jardim menor do Campo 24 de Agosto, foram levadas a cabo seis campanhas de trabalhos arqueológicos, entre os anos de 1999 e 2004, sempre numa conciliação estreita com o calendário da obra.

O ESPAÇO

Trata-se o jardim menor do Campo 24 de Agosto de espaço trapezoidal com superfície regular plana, que é delimitado por faixas de rodagem e ladeado de casario, comunicando por norte como o jardim maior deste mesmo espaço urbano.

Em inícios do século XIX, ainda este local se encontrava na zona periurbana do Porto, na sua saída para a “Estrada para Valongo e além”. Remonta a sua definição atual a 1850, altura em que a Câmara executou um aterro com vista à regularização da sua topografia e subsequente urbanização. Tal implicou o encanamento da ribeira de Mijavelhas e o soterramento da Ponte das Patas, construída no ano de 1700. Originalmente, tratava-se o lugar do vale de cheia da Ribeira de Mijavelhas que contornava o sopé do morro do Bonfim, procedendo de





A1

CAMPO 24 DE AGOSTO

Arqueologia



Nordeste e tomava orientação aproximada a norte-sul na zona intervencionada. No extremo sul, lado nascente, localizava-se o complexo hídrico objeto dos trabalhos arqueológicos. O assoreamento sofrido desde o século XVIII anulou esse antigo vale soterrando tais vestígios.

OS OBJECTIVOS

Reconhecimento de potencial científico do subsolo afetado. Concretamente, diagnóstico da estratificação e periodização do complexo hídrico identificado, bem como reconhecimento do seu enquadramento histórico.

Na sequência da deteção de relevância patrimonial excepcional de tal complexo hídrico, foi também objeto destes trabalhos a sua desmontagem com levantamento numerado das pedras, visando a remontagem no interior da estação, que foi alterada para receber esta integração museológica.



OS RESULTADOS

Estes trabalhos permitiram registar uma ocupação do local entre o Séc. XIV e o Séc. XIX, com 4 grandes marcos na sua construção: 1.º, no século XIV, antes de 1384, a sua fundação, com a construção do chafariz de Mijavelhas que consistia numa fonte de mergulho; 2.º, no Séc. XVI, antes de 1548, com o seu alteamento em arca e a pavimentação de uma área extensa na envolvente; 3.º, no Séc. XVII, depois de 1633, a ligação à cidade, pela alimentação da fonte da rua Chã, construída a propósito; 4.º, no Séc. XIX, ano de 1819, com a ampliação de que resultou o reservatório arcado.

Em paralelo, a partir do século XVIII, este espaço sofreu um paulatino assoreamento, possivelmente devido à construção logo a jusante da Ponte das Patas, em 1700. Até que, por este, desapareceu o primitivo vale da ribeira de Mijavelhas. De destacar no início desse processo, a acumulação accidental de um depósito rico em materiais invulgares. Mas, de toda esta estratificação, será de, sobremaneira, realçar a intervenção do século XVI assinalada com armas reais de D. João III (?). Num certo esforço de organização proporcionada do novo espaço, o indício de possível presença de um programa arquitetónico renascentista, plausível à luz do ambiente cultural vivido, à época, no Porto, e que é por alguns historiadores designado de



Renascimento de granito do Norte.
Investimento certamente justificado pela sua



A1

CAMPO 24 DE AGOSTO

Arqueologia



localização junto à saída da cidade para a "Estrada de Valongo e além".

O ESPÓLIO

Foram recolhidos cerca de 24 000 fragmentos maioritariamente cerâmicos, mas que também incluem outros materiais como matéria orgânica em estado natural (nozes, castanhas, cocos, ramos) e manufaturada (gáspeas e solas de calçado). Entre a loiça, para além das produções foscas de Ovar-Aveiro e do Prado, destacuem-se os fabricos vidrados como faianças de produção nacional do século XVII, também estando presentes raros exemplares de fabricos de importação: de Paterna-Manises e Malegueira do Levante Espanhol, da Ligúria e Venezianos, Itália, e ainda as porcelanas Ming. Mas de realçar a possibilidade de identificação de c. 500 peças, predominantemente proveniente de um depósito da 2.ª metade do Séc. XVII, constituído na maioria por loiça doméstica mas também de objetos de uso pessoal, como anéis de pasta de vidro e componentes de calçado. A conservação destes, a par da restante matéria orgânica, indicia as condições de deposição anaeróbicas em terreno encharcado. Embora com uma representação muito mais residual, destaque-se ainda algum do espólio de outros depósitos: um pingente de azeviche de tipologia oriental e um cachimbo de cerâmica de barro vermelho.

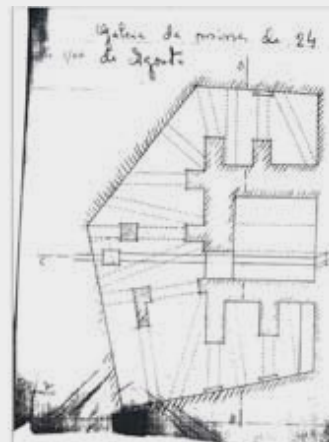
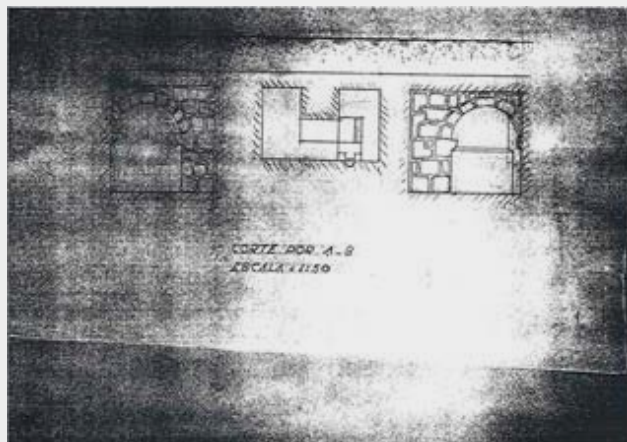




A1

CAMPO 24 DE AGOSTO

Arqueologia



UMA DESCOBERTA NO CAMPO 24 DE AGOSTO!

"(...) a caixa interior é muito grande, toda em pedra e tem uma cara gravada na pedra!"
UM OPERÁRIO

Nos idos de 1999 e nos trabalhos preparatórios de inventariação criteriosa das infraestruturas existentes no subsolo da cidade do Porto verificou-se a existência profícua de minas na área afetada pela estação, zona do jardim do Campo 24 de Agosto. Entre estas, uma mina extinta, acessível por um óculo existente em plena faixa de rodagem.

Acesso suficiente para uma observação "in loco" do seu interior.

O resultado dessa inspeção foi não só curioso como a génese de todo o processo subsequente: a observação extasiada do operário que acedeu à mina aguçou-nos a curiosidade e o interesse em obter mais conhecimento e informação sobre a matéria. Entre as pesquisas no arquivo dos SMAS e na Biblioteca Municipal, ficamos a saber que a referida Arca d'Água pertencia aos mananciais de Campo Grande e/ou de Mijavelhas, e que, nela estava referenciada a existência de um brasão com as armas reais gravado no frontispício de uma das paredes da arca. Relatava ainda a diversa bibliografia que,

em 1548, esse brasão teria sido argumento da Câmara pela disputa dos direitos sobre o aproveitamento das águas, com o proprietário do terreno, pertença da Quinta do Reimão.

Com o apoio da engenharia e a arte do Arquitecto Eduardo Souto Moura, reconstruiu-se pedra por pedra, à cota do mezanino baixo da estação 24 de Agosto, a Arca d'Água de Mijavellas, relíquia do passado portuense para deleite e memória futura dos transeuntes do século XXI e seguintes, na rota do metropolitano.

MARIA JOSÉ SANTOS, ENGENHEIRA CIVIL

"UMA DESCOBERTA NO CAMPO 24 DE AGOSTO"

[Descarregar aqui \[PDF\]](#)



A1

CAMPO 24 DE AGOSTO

Arqueologia



A ARCA DE ÁGUA DO CAMPO 24 DE AGOSTO

“Uma pesquisa documental nos arquivos dos SMAS, destinada a orientar a elaboração do Projectos de Desvios de Redes, trouxe à memória a existência de reservatórios de águas no Campo 24 de Agosto e pelo menos um confirmado no terreno, com escudo de armas numa das paredes. Uma interpretação inadequada terá lançado confusão sobre a determinação d’ “o que é que se chama o quê” e, logo, “remonta a quando”, acerca de tais complexos de aproveitamento hídrico aí referenciados.

Designadamente, na berlinda estão, então, os Mananciais de Mijavelhas e do Campo Grande. Tratando-se de um ou de outro, respectivamente, implicam a atribuição de uma cronologia de inícios da Época Moderna (século XVI?), ou de inícios do século XIX, conforme se se atribui a designação primitiva do Campo ou a mais recente.”

PESQUISA HISTÓRICA POR IVA TELES BOTELHO
1999.11.11

“SABER MAIS SOBRE A ARCA DE ÁGUA DO CAMPO 24 DE AGOSTO”

[Descarregar aqui \[PDF\]](#)

MIJAVELHAS ARQUITECTO SOUTO MOURA UMA INSPIRAÇÃO PARA O ARQ.º SOUTO DE MOURA

6 de Junho de 2000

MIJAVELHAS. POÇO DAS PATAS. CAMPO GRANDE. CAMPO 24 DE AGOSTO.

Ao longo de meio milénio, cada geração inscreveu o seu testemunho à medida que a Natureza o solicitou. Esta, benfazeja e gratuitamente, presenteou-nos com um dos seus muitos mananciais de fresca água cristalina, de que o Homem prático do burgo do Porto, ao tempo do Mestre de Avis, já soubera ter tirado proveito, ali, à chegada do “Caminho de Valongo”.

Aproveitando o existente ou anulando-o completamente e reedificando tudo de novo - (vá lá saber-se e talvez ainda o venha a conseguir-se!) -, os Homens-Bons dos tempos das Descobertas criaram aí, à chegada ao termo do burgo do Porto, uma sala de visitas afeiçoada na Natureza, ao sabor da sua compleição física. Nesta encosta do vale da ribeira de Mijavelhas voltada a Poente, implantaram-lhe um largo lajeado que descendia escalonado até à larga taça que recebia a mui fresca água da quão esmerada arca de pedra. A

quem por aí passava, dava as boas vindas, ou convidava ao regresso, a ribeira límpida que por ali calcorreava o seu leito em cantata até despenhar-se no Douro. Imprevisível como todas, num fim de tarde primaveril, ganhou novo e estranho ímpeto e, numa torrente de lama e pedra, surpreendeu e arruinou um pobre viajante tendeiro que se preparava para partir para as terras de Riba-Douro vender a sua preciosa loiça. Desde esse dia até hoje que jazia a grande taça da arca que tantos cuidados mereceu aos Homens-Bons da Câmara, bem como a carga do desdido homem. Entretanto, a ribeira continuou na sua senda de indomável, tomando-lhe o gosto, e contínuos transbordos, resignadamente aceites, fizeram subir o terreno soterrando taça e arca de pedra. Paciência! A arca poderia sempre ser transformada em poço, bastando para tal possuir uma abertura na cobertura e acesso à mesma.

Até que Homem e Natureza, entre diálogos e retaliações se aniquilaram mutuamente na oferta de dádivas e na saciedade de anseios. As fontes secaram e os Homens buscaram outras. Com a chegada do Metro, e à imagem dos tempos idos, recuperemos a antiga sala de visitas e façamos dessa História a nova anfitriã que, apaziguando as consciências apressadas dos novos forasteiros, lhes acalantarás angústias, inspirará e alimentará a imaginação



A1

CAMPO 24 DE AGOSTO

Arqueologia



de vivências quotidianas avassaladoramente repetitivas.

POST-SCRIPTUM

AOS 5 DE NOVEMBRO DE 2003, RECORDANDO O
DIA 9 DE JUNHO DE 2000

- Mestre Humberto: Dr.s! Está ali o arranque de um arco!

Terminava-se o desmonte da arca.

Naquele frontispício, expectando a sua vez de retirada de cena já íamos para 8 dias, e descidas as armas reais, a desmontagem continuava fiada após fiada, silhar após silhar, lieira após juntoura e juntoura após lieira. Até que se chegou à última fiada e, de repente, se completava a matrioushka de pedra. Afinal, na base da arca quinhentista, servindo-lhe de alicerce, ainda jaziam os restos do chafariz das pelejas do Mestre de Avis.

Uma inspiração para o Arq. Souto de Moura

[Descarregar aqui \[PDF\]](#)

Mãe d'Água - Modelo Virtual

[Ver aqui \[PDF\]](#)

FAIANÇAS

De repente, por meados de Maio de 2000, começavam a desfiar-se outros mistérios encerrados nas pedras da Mãe d'água. Aos

13 desse mês, assomava à luz do dia um excepcional conjunto de loiça de uso doméstico que contava com faianças, vidrados de chumbo e loiça comum de barro, remontante ao século XVII, que forrava o fundo de uma grande taça lajeada. A importância deste conjunto de loiça advinha também das condições da deposição deste conjunto, que terá acontecido simultânea e possivelmente em condições acidentais – arrastado por uma enxurrada de terra e pedras – e portanto num momento preciso e não diluído na diacronia deste lugar. Sintomático da natureza acidental desta formação será a presença relativamente elevada de matéria orgânica de tipos variados tais como ramos com folhinhas novas como só existem na Primavera, castanhas e nozes, certamente do Outono anterior, cascas de cocos de outras paragens e solas de sapatos, dando-nos outras pistas sobre o meio ambiente envolvente e, inclusive, a Época do Ano em que tal acidente aconteceu: num dia de Primavera mais atormentado!...

E as solas dos sapatos? Ali ao lado, bem ficava a Estrada para Valongo e Além...

LUÍS FILIPE GOMES,

IVA JOÃO TELES BOTELHO

“O DEPÓSITO 005. MEMÓRIA RECUPERADA DE UM ACIDENTE”

[Descarregar aqui \[PDF\]](#)



A PEDRA DE ARMAS DA ARCA D'ÁGUA DE MIJAVELHAS

“Querendo a Câmara trazer para a Cidade e Chafariz da rua Cham aagoa da Fonte das Velhas, que estava metida na Arca com Armas Reaes em cima na mesma Arca por entenderem os Officiaes della ser pertença da dita cidade oppos-se o dito Frei Pedro com embargos.”

JOÃO EVANGELISTA GOMES LEITE, 1836

“Tem a arca uma forma circular, sendo todo o seu solo coberto pela água que forma um vasto lago e “Tem a arca uma forma circular, sendo todo o seu solo coberto pela água que forma um vasto lago e o seu tecto é todo em arcaria.



A1

CAMPO 24 DE AGOSTO

Arqueologia



[...] Dando a volta à arcaria pelo lado poente, vamos encontrar no alto da parede que a fecha por este lado, umas armas reais.[...]

[...]

“Não se [lhes] refere Souza Reis [...]”

J. BAHIA JUNIOR, 1909

“ [...] foi encontrada na galeria Poente e na parede Nascente, uma pedra com armas reais.”

RELATÓRIO DOS SMAS, 1958

As Armas Reais da Fonte de Mijavelhas: eis o testemunho que impulsionou a sua musealização dentro da Estação de Metro do Campo 24 de Agosto. O símbolo do poder de um Monarca que despertou e lançou todo um processo que envolveu as mais variadas áreas do saber e do conhecimento envolvidas na Obra do Metro do Porto.

IVA BOTELHO

SUSANA SILVA

TOMAS ALLEN

“PEDRA DE ARMAS DA ARCA D'ÁGUA DE MIJAVELHAS”

[Descarregar aqui \[PDF\]](#)

A TERCEIRA MARGEM

Reconstruir as Arcas: será “[...] colaborar com o tempo sob a sua forma de passado, apreender-lhe ou modificar-lhe o espírito, servindo-lhe de muda para um mais longo futuro; [foi] reencontrar sob as pedras o segredo das origens.” M. Yourcenar (As Memórias de Adriano)

Salta-nos, assim, à memória uma obra edificada longe da cidade intramuros, exprimindo-se nela a essência da Arquitectura Renascentista, pela forma como trabalha a figura pura eleita como seu cânone de excelência: o quadrado, multiplicado em cubo e base da pirâmide visual, cerne da perspectiva central, representação da racionalidade da visão. Ao mesmo tempo, surge plena de laivos de contemporaneidades na sobriedade do seu minimalismo. Intervenção urbana no termo rural, cumpre, também, desta forma o espírito do Renascimento. Aquele que instaurou o pensamento Moderno que coloca o Homem no centro do Mundo: pela arte, cumprir uma exigência ética fundamental, “Ser útil a todo o Cidadão”.

Se a sua “certidão de nascimento” é conferida pela pedra de Armas Reais, então, dependendo

da sua atribuição a D. Manuel I ou a D. João III, avultam dois nomes para a autoria do seu projecto: Andreia Sansovino, ou Francesco da Cremona?

15 DE JANEIRO DE 2004

IVA BOTELHO

FILIPE GOMES

“A TERCEIRA MARGEM. MONOGRAFIA DA MÃE D'ÁGUA DO CAMPO 24 DE AGOSTO”

[Álbum de fotografias no Google+](#)



A2
HEROÍSMO

Arqueologia



**EQUIPA TÉCNICA
HEROÍSMO**
TRABALHOS DE 2000

EMPRESAS ENVOLVIDAS

ARQUEOHOJE, Lda

TRABALHOS DE CAMPO

Responsáveis

Filipe João Carvalho dos Santos
Miguel António Paixão Serra
Arqueólogos Auxiliares
Alexandre Tiago dos Valinho
Luís Filipe Coutinho Lopes Gomes

TRABALHOS DE GABINETE

Responsáveis

Filipe João Carvalho dos Santos
Luís Filipe Coutinho Lopes Gomes

Arqueólogos Auxiliares

Filipe João Carvalho dos Santos
Miguel António Paixão Serra

Técnicos assistentes de arqueologia

António Joaquim Monteiro de Moura
(Tintagem dos Desenhos)

Divulgação

Sara Maria Casanova Pedrosa

Álbum de fotografias no Google+



B1
VILAR

Arqueologia



EQUIPA TÉCNICA **MAMOA DE VILAR** TRABALHOS DE 2004

EMPRESAS ENVOLVIDAS

METRO DO PORTO, S.A.
ARQUEOHOJE, Lda

TRABALHOS DE CAMPO

Responsáveis

Iva João Teles Botelho
Filipe João Carvalho dos Santos

Arqueólogos Auxiliares

António Manuel Gonçalves Chéney
Luís Filipe Coutinho Gomes
João Miguel André Perpétuo

Operários

Carlos Manuel dos Santos Rocha

TRABALHOS DE GABINETE

Responsáveis

Filipe João Carvalho dos Santos
Luís Filipe Coutinho Gomes

Divulgação

Sara Maria Casanova Pedrosa

FICHA DE SÍTIO **MAMOA DE VILAR** → ESTAÇÃO MODIVAS LINHA B

A OBRA

A construção de um grande projeto como o Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto (SMLAMP) oferece uma oportunidade para levar a cabo investigações arqueológicas. Tais investigações são um elemento importante da estratégia de minimização ambiental da obra. Assim, na Linha B do SMLAMP, no canal da via junto à Estação de Modivas foi executada uma campanha de sondagens prévias no ano de 2004, dada a proximidade do espaço à mamoa de Vilar.

O ESPAÇO

Inserido em leve depressão da paisagem com ocupação mista rural e florestal (eucaliptal), marginal ao anterior canal da CP.

OS OBJETIVOS

Estes trabalhos foram implementados enquanto medida cautelar e de complemento às medidas 133 e 142 da Declaração de Impacte Ambiental que licenciou o projeto de duplicação da linha da Póvoa. Pretenderam-se documentar com clareza a evidência, ou sua falta, de vestígios ligados a circuitos cerimoniais relacionados com a Mamoa de Vilar, localizada a 150 M. Dada a situação

diferencial de conservação da estratigrafia entre as zonas florestal (destruída) e agrícola, foi feita apenas prospeção na primeira, reservando-se as sondagens para a outra zona.

OS RESULTADOS

Tanto a ação de prospeção como a realização de sondagens revelaram potencial nulo do ponto de vista arqueológico. Sendo que na zona de implantação das sondagens, significativamente, foi detetada uma estratificação até ao substrato rochoso evidenciando grande maturação sedimentar. Ao invés, na zona do eucaliptal documentou-se a total destruição de depósitos sedimentares preexistentes, até ao substrato rochoso.



O ESPÓLIO

Não foi exumado qualquer espólio, para além de alguns fragmentos da telha recente e cerâmica não vidrada também recente.

IVA BOTELHO
FILIPE SANTOS



B2 ÁRVORE, QUINTA DA FAÍSCA

Arqueologia



EQUIPA TÉCNICA **ÁRVORE, QUINTA DA FAÍSCA** TRABALHOS DE 2005

EMPRESAS ENVOLVIDAS

METRO DO PORTO, S.A.
ARQUEOLOGIA&PATRIMÓNIO, Lda.

TRABALHOS DE CAMPO

Responsáveis

Iva João Teles Botelho
Liliana Mónica Moreira Rodrigues
Técnicos Assistentes de Arqueologia
Sara Arminda Soares da Costa (Desenhadora)
Sónia Cristina Ramos Jorge Santos
Verónica Filipa de Jesus Biscaia

TRABALHOS DE GABINETE

Responsáveis

Liliana Mónica Moreira Rodrigues
Iva João Teles Botelho
Técnicos Assistentes de Arqueologia
Ana Raquel Carvalho Paulo (Desenhadora)
Sara Arminda Soares da Costa (Desenhadora)
Teresa Maria Lage Gonçalves
Verónica Filipa de Jesus Biscaia

Revisão de Texto

Maria Teresa Mendes da Silva

Gestão de Projeto

Ricardo Teixeira e Vítor Fonseca

Divulgação

Sara Maria Casanova Pedrosa

FICHA DE SÍTIO

QUINTA DA FAÍSCA **ÁRVORE, VILA DO CONDE** → ESTAÇÃO ÁRVORE LINHA B

A OBRA

A construção de um grande projeto como o Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto (SMLAMP) oferece uma oportunidade para levar a cabo investigações arqueológicas. Tais investigações são um elemento importante da estratégia de minimização ambiental da obra, sendo importante a sua boa articulação com o faseamento desta. Foi o que se procurou na Linha B do SMLAMP, na zona da quinta da Faísca, em Árvore, em Vila do Conde, foi executada uma campanha de trabalhos arqueológicos, a par com obra, no ano de 2005.



B2 ÁRVORE, QUINTA DA FAÍSCA

Arqueologia



O ESPAÇO

Trata-se de Plataforma aplanada de ocupação agrícola, à cota 16,20 metros, marginal à Linha de Metro que se lhe adossa por aterro.



OS OBJETIVOS

Realizado enquanto ação da preparação à inserção Urbana da Estação da Varziela, na sequência de informação dada pelo Município sobre o potencial romano, tendo-se visado a confirmação deste.

OS RESULTADOS

A realização da intervenção arqueológica permitiu a confirmação do potencial romano indicado por informação prévia. No entanto, verificou-se também que este local terá sido profundamente afetado por ações de corte advenientes de uso agrícola. A superfície rochosa encontra-se desbastada, podendo este corte ter destruído depósitos mais antigos até ao substrato, o que aparecia sugerido pela presença de nódulos de saibro nas primeiras camadas.

Também indiciador dessa afetação será o hiato registado na estratigrafia, com o estrato de ocupação contemporânea a sobrepor-se diretamente ao romano. Este nível de ocupação romana foi documentado apenas na vala 2, de onde se exumou espólio com esta cronologia, num total de 59 fragmentos. Apesar de não ser muito significativa, esta quantidade é contudo destacável dada a escassez de material similar exumado nas outras sondagens e depósitos. É ainda de referir que a vala 2 se prolongava para Sul. No entanto não foi intervencionada para além da área de afetação do projeto.



O ESPÓLIO

Nesta intervenção foram recolhidos ao todo 440 exemplares entre material cerâmico, lítico e vítreo. Trata-se sobretudo de material cerâmico da Época Moderna/Contemporânea, como a faiança, a porcelana, o vidro de chumbo, a cerâmica comum e de construção e a cerâmica vermelha de Aveiro/Ovar. Ainda foi recolhida uma garrafa inteira com a data de 1772. O espólio cerâmico de cronologia romana,

foi recolhido na vala 2. Trata-se, contudo, de um conjunto de 59 fragmentos apenas, entre cerâmica doméstica comum e de construção (tegullae).





B3 QUINTÃ, ÁRVORE

Arqueologia



EQUIPA TÉCNICA **QUINTÃ, ÁRVORE** TRABALHOS DE 2005

EMPRESAS ENVOLVIDAS

METRO DO PORTO, S.A.
ARQUEOLOGIA&PATRIMÓNIO, L.da

TRABALHOS DE CAMPO

Responsáveis

Iva João Teles Botelho
Liliana Mónica Moreira Rodrigues

Arqueólogos Auxiliares

César Leandro Pereira Guedes
Jorge Manuel Vieira Fonseca

Técnicos Assistentes de Arqueologia

Sara Arminda Soares da Costa (Desenhadora)
Sónia Cristina Ramos Jorge Santos
Verónica Filipa de Jesus Biscaia

TRABALHOS DE GABINETE

Responsáveis

Liliana Mónica Moreira Rodrigues
Iva João Teles Botelho

Técnicos Assistentes de Arqueologia

Ana Raquel Carvalho Paulo (Desenhadora)

Sara Arminda Soares da Costa (Desenhadora)
Teresa Maria Lage Gonçalves
Verónica Filipa de Jesus Biscaia

Revisão de Texto

Maria Teresa Mendes da Silva

Gestão de Projeto

Ricardo Teixeira e Vítor Fonseca

Divulgação

Sara Maria Casanova Pedrosa

FICHA DE SÍTIO

LUGAR DA QUINTÃ **ÁRVORE, VILA DO CONDE**

→ ESTAÇÃO ÁRVORE
LINHA B

A OBRA

A construção de um grande projeto como o Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto (SMLAMP), implicando grandes movimentações de terra, oferece oportunidade para a descoberta de vestígios das ocupações mais antigas dos locais atravessados. Foi o que aconteceu em 2005, na Linha B do SMLAMP, no Lugar da Quintã, em Árvore, originado

intervenção de emergência a par com a obra e na sequência do acompanhamento arqueológico desta.



O ESPAÇO

Trata-se de Plataforma aplanada de ocupação agrícola, à cota 16,20 metros, marginal à Linha de Metro que se lhe adossa por aterro.





B3

QUINTÃ, ÁRVORE

Arqueologia



OS OBJETIVOS

Essencialmente, o que se pretendeu com a intervenção arqueológica foi, por um lado, confirmar o potencial tardo-romano informado pelos técnicos da Câmara Municipal de Vila de Conde, e inferido pela recolha de espólio desse período cronológico aquando da realização do acompanhamento arqueológico, levado a cabo em fase anterior à escavação, e por outro, a identificação e caracterização de eventuais valores arqueológicos na área do projeto, de forma a avaliar e propor as medidas de minimização adequadas. Estes trabalhos foram articulados com o planeamento da obra, pelo que, paralelamente àqueles se preparava a implantação da plataforma da via e a inserção da passagem inferior rodoviária.





B4

AZURARA, PINITELLOS

Arqueologia



EQUIPA TÉCNICA **PINITELLOS, AZURARA** TRABALHOS DE 2004

EMPRESAS ENVOLVIDAS

METRO DO PORTO, S.A.
ARQUEOLOGIA&PATRIMÓNIO, Lda.

TRABALHOS DE CAMPO

Responsáveis

Iva João da Silva Teles Morais Botelho
João André Perpétuo
Arqueólogos Auxiliares
Anabela Pereira de Sá

Operários

Carlos Manuel dos Santos Rocha

TRABALHOS DE GABINETE

Responsáveis

João André Perpétuo
Arqueólogos Auxiliares
Anabela Pereira de Sá

Divulgação

Iva João da Silva Teles Morais Botelho
Sara Maria Casanova Pedrosa

FICHA DE SÍTI

PONTE FERROVIÁRIA DO AVE PINIDELO, AZURARA → ESTAÇÃO AZURARA LINHA B

A OBRA

A construção de um grande projeto como o Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto (SMLAMP) oferece uma oportunidade para levar a cabo investigações arqueológicas. Tais investigações, quando realizadas por antecipação, são um elemento importante da estratégia de minimização ambiental da obra podendo permitir alguns conhecimentos sobre a evolução da paisagem atravessada. Assim, na Linha B do SMLAMP, na Ponte Ferroviária do Ave, Azurara em Vila do Conde, foi executada campanha de sondagens arqueológicas, no ano de 2004, prévias à obra.

O ESPAÇO

Encosta sobranceira à margem Esquerda do Ave, junto à ponte Ferroviária, com ocupação florestal.

OS OBJETIVOS

Trabalhos de arqueologia preventiva realizados enquanto medida de minimização ao alargamento do canal ferroviário para a duplicação da Linha da Póvoa. Face aos dados fornecidos pela Câmara Municipal de Vila do Conde e outros recolhidos na bibliografia existente para esta área, o objetivo destes trabalhos arqueológicos prendeu-se sobretudo com uma avaliação preliminar do local e reconhecimento do seu potencial no que concerne à localização do Povoado de Pinidelo, a fundação altimedieval de Azurara. Espera-se assim, minimizar eventuais impactes negativos da obra no potencial arqueológico da área, e ao mesmo tempo coadjuvar o seu decurso normal.





B4

AZURARA, PINITELLOS

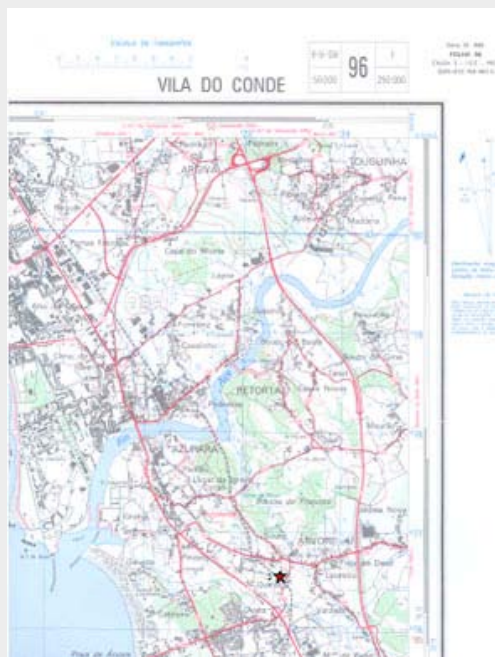
Arqueologia



O ESPAÇO

O presente plano de trabalhos permitiu uma avaliação clara do sítio em causa. Assim, dá-se como não comprovada a hipotética ocupação altimedieval do espaço sondado, pautando-se o local pela inexistência de níveis ou estruturas arqueológicas.

Mais, a ter ocorrido aí vestígios do visado povoado de Pinidelo (a fundação altimedieval da Azurara), estes terão sido drasticamente destruídos pela exploração de uma pedreira abandonada já no Século XX. Deste diagnóstico excetua-se a Sondagem 5, cujos depósitos parecem ser mais antigos, mas ainda assim estéreis. Não obstante, há que relembrar que, escassos três meses volvidos sobre aquela intervenção, nos troços entre Árvore e Azurara, ocorreu precisamente o achado de 2 sítios, ambos com ocupação altimedieval. De Norte para Sul, foram eles a descoberta do Sítio Corgo, no dia 23 de fevereiro de 2005, perto da passagem do nível do Corgo, e o Sítio da Quintã, no dia 3 de março de 2005, junto à passagem do nível da Quintã. Ave, junto à ponte Ferroviária, com ocupação florestal.





B5

PORTUS TELLIERIUS

Arqueologia



EQUIPA TÉCNICA PORTUS TELLIERIUS TRABALHOS DE 2010

EMPRESAS ENVOLVIDAS
NOVARQUEOLOGIA, LDA.

TRABALHOS DE CAMPO

Responsáveis

Rui Proença
Arqueólogos Auxiliares
Bruno Gonçalo Trabulo Camilo Silva

Técnicos Assistentes de Arqueologia

Inês Bernardino
Raul Costa
Vítor Gomes

Técnico de Conservação e Restauro

Hélder Moura

TRABALHOS DE GABINETE

Responsáveis

Rui Proença

Divulgação

Sara Maria Casanova Pedrosa

FICHA DE SÍTIO

PORTUS TELLIERIUS

→ ESTAÇÃO VILA DO CONDE
LINHA B

A OBRA

A construção de um grande projeto como o Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto (SMLAMP) oferece uma oportunidade para levar a cabo investigações arqueológicas. Tais investigações são um elemento importante da estratégia de minimização ambiental da obra. Assim, na Linha B do SMLAMP, na Zona Ribeirinha de Vila do Conde, foi executada uma campanha de sondagens arqueológicas, no ano de 2010, previamente à obra

O ESPAÇO

O espaço intervencionado localiza-se na zona ribeirinha de Vila do Conde, margem norte do rio Ave,



OS OBJETIVOS

Estes trabalhos foram realizados no âmbito da minimização de impactos sobre o potencial arqueológico, decorrentes das obras de Inserção Urbana e Paisagística da Linha B em Vila do Conde. Com as sondagens executadas, pretendeu-se averiguar da existência em virtude de vestígios de um porto romano, o Portus Tellierius, para cuja existência advertiu a Camara Municipal de Vila do Conde, encontrando-se referências nalguma bibliografia local.





B6

AZURARA, TERRAÇOS

Arqueologia



EQUIPA TÉCNICA AZURARA, TERRAÇOS TRABALHOS DE 2010

EMPRESAS ENVOLVIDAS

METRO DO PORTO, S.A.
ARQUEOHOJE, Lda.

TRABALHOS DE CAMPO

Responsáveis

Silvério Manuel Domingues Figueiredo
Iva João da Silva Teles Morais Botelho

Arqueólogos Especialistas

Luís Filipe da Silva Nobre
Sílvia Cristina Pereira Lopes
Jacinta Costa
Isabel Andrade
José Carvalho

Arqueólogos Auxiliares

João Miguel André Perpétuo
Luís Miguel Arez do Carmo

TRABALHOS DE GABINETE

Responsáveis

Silvério Manuel Domingues Figueiredo

Arqueólogos Auxiliares

José de Carvalho
Jacinta Costa

Divulgação

Iva João da Silva Teles Morais Botelho
Sara Maria Casanova Pedrosa

FICHA DE SÍTIO

TERRAÇOS DO AVE

→ ESTAÇÃO VILA DO CONDE
LINHA B

A OBRA

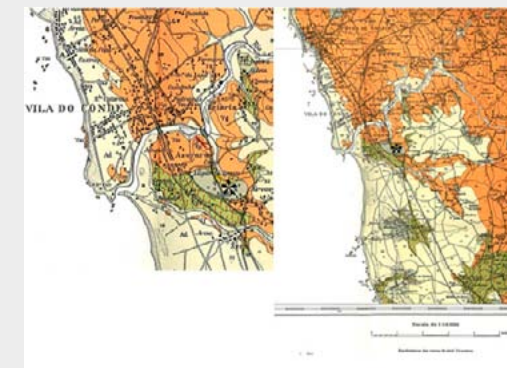
A construção de um grande projeto como o Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto (SMLAMP) oferece uma oportunidade para levar a cabo investigações arqueológicas. Mormente, quando realizadas por antecipação à obra. Tais investigações são um elemento importante da estratégia de minimização ambiental da obra. Foi neste termos que, na



Linha B do SMLAMP, em Azurara, concelho de Vila do Conde, foi executada campanha de sondagens arqueológicas, no ano de 2005.

O ESPAÇO

Plataforma aplanada à cota 37 m que conhece atualmente ocupação agrícola, sendo marginal a poente da antiga Linha da Póvoa da CP .



OS OBJETIVOS

Estes trabalhos foram realizado enquanto ação da preparação aos trabalhos de terraplenagem da via, na sequência de informação de achado de biface, cedida pela Câmara Municipal de Vila do Conde.

Assim, estas sondagens tiveram como objetivo a determinação do potencial Paleolítico da zona.



B6

AZURARA, TERRAÇOS

Arqueologia



OS RESULTADO

Nestes trabalhos, não foi identificado nenhum sítio arqueológico. Isto não obstante a exumação de alguns seixos rolados com lascamentos, mas que derivavam de percussão por choque natural entre eles.

Deu-se, assim, como não comprovada a hipotética ocupação Paleolítica do terraço sondado.

Há que, contudo, considerar a localização não aleatória da área intervencionada, definida dentro do corredor afeto à construção do troço T07.23 da Linha da Póvoa.

Detenha-se também à exumação de seixos lascados por percussão humana neste mesmo troço de Obra, tanto a montante, em Quintã, como a jusante, no Corgo, a escassos 200 m da área sondada, em trabalhos arqueológicos aí realizados.

Por outro lado, também nesses sítios não foi detetado horizonte de ocupação Paleolítica.

Antes, sim, em ambos foram detetados vestígios de ocupação Romana e da I. do Bronze. Refira-se também que, dada a transversalidade temporal da prática do lascamento sobre seixos, bem como a abrangência cronológica da tipologia dos espécimes aqui relatados, será admissível a correlação cronológica-cultural com os níveis de ocupação Bronze, detetados em ambos sítios.

Por outro lado, por estes trabalhos e numa

abordagem da arqueologia da paisagem, ficou comprovada a existência de uma cascalheira com orientação SE/NO, relacionável com ambiente de praia.

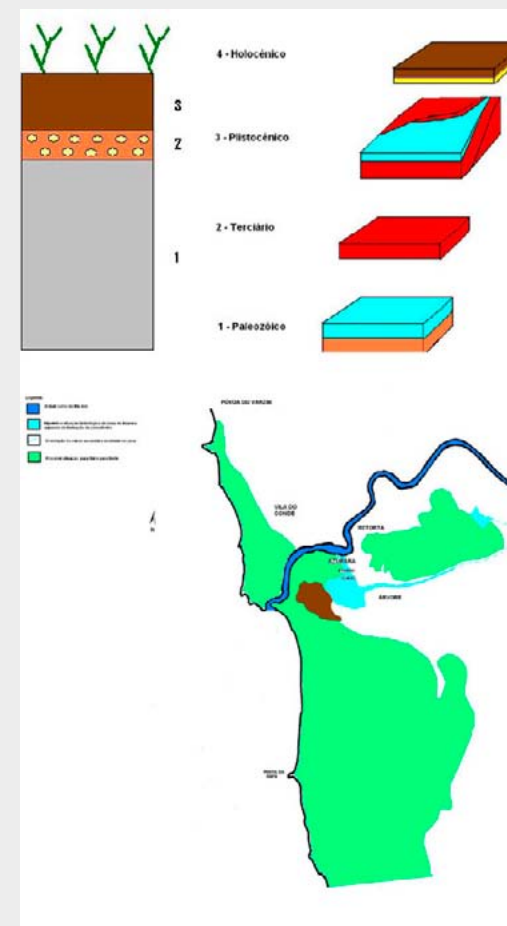
No entanto, alguns seixos apontam para um ambiente fluvial e os sedimentos apontam no sentido de uma zona final de curso de água, de pouca turbulência.

Combinando estes dados, pode-se afirmar que estaríamos perante um estuário de contacto direto com o mar, abastecido por um curso que correria de sudeste para noroeste.

Apesar de estarmos perante geomorfologias diferentes, o nível média do mar estaria acima do atual, o que pode indiciar que a cascalheira se formou num período interglacial.

Concluindo, a evolução geológica de Azurara está ligada à presença de ambientes marinhos. Assim, no Paleozoico (no Câmbrico e Ordovícico) formaram-se várias unidades litológicas em ambiente de fundos marinhos. Mais tarde, no Quaternário (Pleistocénico), perante os dados anteriormente expostos, podemos afirmar que o Terraço de Azurara se formou num ambiente de praia ou, provavelmente, em estuário de rio sob influência direta do mar, onde as águas não seriam muito revoltas

SILVÉRIO FIGUEIREDO
IVA BOTELHO





B7

AZURARA, CORGO

Arqueologia



Mas a Obra do Metro estendeu-se a outros campos e neles haveria de revelar outros tempos, - cinco milénios, quiçá -, e outras formas de o Homem Habitar. No Corgo (Vila do Conde), o sítio é de terra. Terra ou terras que se contrastam e se esbatem, contrastes que se escondem sob a luz do dia e se revelam na penumbra do amanhecer e do entardecer; e neste jogo de revela-esconde, estilhaços que se recolhem, se catalogam e se juntam, oferecendo novas revelações e novos enigmas desse puzzle milenar. O Sítio do Bronze do Corgo, descoberto em plena Obra da Linha Vermelha, implicou a sua paragem durante 77 dias e, depois, ano e meio de atraso no arranque de Obra Complementar do Arruamento “Variante do Corgo”. O tempo necessário para que se procedesse à execução dos trabalhos arqueológicos necessários.



O SÍTIO DO CORGO EM AZURARA I

De repente, no dia 23 de Fevereiro de 2005, pelo corte das máquinas do alargamento da via para o metro em Azurara, foi posto a descoberto um Sítio multissecular cujas ocupações Humanas mais significativas se afiguram cronológica e culturalmente descontínuas. Destaque-se os níveis de ocupação dentro do Horizonte do Bronze Pleno (integrado na tipologia de assentamentos de fossas, paliçadas e possivelmente com fosso); e registo vestigial de ocupação Tardorromana ou possivelmente Altimedieval. Tudo muito tangencialmente diagnosticado ao longo dos três meses destes trabalhos, fruto da sua drástica destruição vertical e horizontal provocada pelas máquinas da obra. Paradoxalmente, surge a sua descoberta como o mais importante impacte Patrimonial positivo desta Obra da Linha da Póvoa, tornado possível

pela execução do seu Acompanhamento Arqueológico.

IVA BOTELHO
PEDRO SOBRAL

“O SÍTIO DO CORGO EM AZURARA. UM SÍTIO MULTISSEULAR DESCOBERTO EM ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO DE OBRA DE DUPLICAÇÃO DA LINHA DA PÓVOA”



O SÍTIO DO CORGO EM AZURARA II

E sempre era verdade: o Metro ia construir uma estrada!
O “Arruamento Variante do Corgo” que por Determinação de Tutela, foi sujeito a trabalhos de arqueologia preventiva, abarcando uma área de 2000 m² e ocupando integralmente a secção da plataforma agrícola atravessada pelo arruamento, a PE722. Iniciados em Janeiro, mas primeiras visitas de reconhecimento, testemunhava-se o despontar da erva



B7

AZURARA, CORGO

Arqueologia



semeada dias antes pelo Sr. Agostinho. Inverno corrido e Primavera adiante, havíamos – arqueólogos e o Sr. Agostinho, do alto do seu tractor-semeador - de testemunhar os impactes ofensivos da benfazeja lavra, sobre o Sítio. Mas acima de tudo, estes trabalhos confirmaram a sua importância (um enorme assentamento em negativo, projectando-se para lá dos limites Norte Sul e Oeste da Parcela de Expropriação 722), se bem que com contextos arqueologicamente relevantes circunscritos à Pré-História Recente. Desvaneceu-se, portanto, a possibilidade de ocorrência de vestígios in situ de fundação tardorromana de Azurara, na sequência diagnosticada. Quanto ao Sítio do Bronze, pois bem, continua a ser sítio de terra, ou de terras que se contrastam... que apesar do desgaste do Tempo, ainda oferecem muitos vestígios dos Homens que por ali assentaram.

IVA BOTELHO

“O SÍTIO DO CORGO EM AZURARA.

NOVA APROXIMAÇÃO À SUA DEPOSIÇÃO”



NOVA APROXIMAÇÃO À ESTAÇÃO DO ARQUEOLÓGICA DE AZURARA

Afinal são dois os sítios arqueológicos do Corgo! Dois sítio, no Presente, postos em contacto pelas acções de modelação do terreno introduzida desde a Época Moderna e culminadas com a EMISSORA NACIONAL: do presente para o passado, a fundação altimedieval de Azurara (ou vila de Pinitello), desenvolvia-se na encosta Poente de antigo cume, voltada ao mar; na encosta Nascente da mesma colina (e para Sul?), localizava-se antigo assentamento da Idade do Bronze. Algures por ali, também ainda uma antiga ocupação Calcolítica, apenas vislumbrada através de pequenos e perdidos fragmentos cerâmicos decorados (folha de acácia,

triângulos puncionados, temas ungulados)...

IVA BOTELHO

SUSANA BORGES

“AFINAL, SÃO DOIS OS SÍTIOS ATRAVESSADOS PELO ARRUAMENTO ‘VARIANTE DO CORGO!’”

Álbum de fotografias no Google+



C1

NECRÓPOLE DA FORCA

Arqueologia



EQUIPA TÉCNICA **NECRÓPOLE DA FORCA** TRABALHOS DE 2005

EMPRESAS ENVOLVIDAS

METRO DO PORTO, S.A.
ARQUEOLOGIA PATRIMÓNIO, Lda.

TRABALHOS DE CAMPO

Responsáveis

Iva João Teles Botelho
Liliana Mónica Moreira Rodrigues

Arqueólogos Auxiliares

César Leandro Pereira Guedes
Jorge Manuel Vieira Fonseca

Técnicos Assistentes de Arqueologia

Sara Arminda Soares da Costa (Desenhadora)
Sónia Cristina Ramos Jorge Santos
Verónica Filipa de Jesus Biscaia

TRABALHOS DE GABINETE

Responsáveis

Liliana Mónica Moreira Rodrigues
Iva João Teles Botelho

Técnicos Assistentes de Arqueologia

Ana Raquel Carvalho Paulo (Desenhadora)
Sara Arminda Soares da Costa (Desenhadora)
Teresa Maria Lage Gonçalves
Verónica Filipa de Jesus Biscaia

Revisão de Texto

Maria Teresa Mendes da Silva

Gestão de Projeto

Ricardo Teixeira e Vítor Fonseca

Divulgação

Sara Maria Casanova Pedrosa



FICHA DE SÍTIO

NECRÓPOLE DA FORCA

→ ESTAÇÃO CASTÊLO DA MAIA
LINHA C

A OBRA

A construção de um grande projeto como o Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto (SMLAMP) oferece uma oportunidade para levar a cabo investigações arqueológicas. Tais investigações são um elemento importante da estratégia de minimização ambiental da obra quando realizadas por antecipação a esta. Assim, na Linha C do SMLAMP, no lugar de Castelo da Maia, Mandim em Maia, onde foi executada uma campanha de sondagens arqueológicas, no ano de 2004, previamente à obra.





C1

NECRÓPOLE DA FORCA

Arqueologia



O ESPAÇO

O troço de via do metro no Castelo da Maia insere-se na vertente Poente de suave vale com orientação Norte-Sul. Trata-se de espaço densamente urbanizado.



OS OBJETIVOS

Foram objetivos deste trabalho de sondagens arqueológicas avaliar o potencial científico e arqueológico do corredor da Linha T, no Lugar da Forca, Castelo da Maia, potencial esse configurado nos achados de contexto articulados com Necrópole Romana, de que é produto uma pequena coleção de vasos exposto no Museu da Maia. A partir do resultados das sondagens era objetivo obter informação de posterior plano de minimização de impactos patrimoniais da obra.



OS RESULTADOS

Tanto os trabalhos de Campo, como os de Gabinete, permitiram de descartar a probabilidade de potencial arqueológico relacionado com necrópole romana, no corredor da obra de duplicação do canal ferroviário da Linha C.

Possivelmente, deve-se tal circunstância a destruição recente de estratigrafia com potencial arqueológico. A este propósito, é de destacar o diagnóstico de corte drástico na zona da fábrica têxtil, tendo o terreno sido colmatado com lixos. Não obstante, registre-se a identificação residual de vestígios romanos (claramente, 3 fragmentos de tegullae), na zona do eucaliptal, o que parece consolidar a possibilidade de ocupação romana próxima.

Por outro lado, o diagnóstico efetuado ocorreu exclusivamente dentro do corredor de obra, o que permite considerar a hipótese de

conservação de vestígios nas imediações, em espaços menos perturbados em tempos mais recentes. Nomeadamente da potencial necrópole documentada nos anos 40 e 60 do Século XX.



O ESPÓLIO

Foi feita recolha de 114 fragmentos artefactuais (entre vasilhame e materiais de construção), maioritariamente de cronologia contemporânea. Contudo é, de destacar, no eucaliptal, o reconhecimento de 3 fragmentos de tegullae e talvez 4 fragmentos de possível cronologia romana e também de 5 fragmentos de fabrico manual.

IVA BOTELHO
FILIPE SANTOS



D1
SÃO BENTO

Arqueologia



Álbum de fotografias no Google+